

ENTRE O AXÉ E A PALAVRA: O MULTICULTURALISMO, A RESISTÊNCIA INSTITUCIONAL E A REALIDADE DA JUVENTUDE CANDOMBLECISTA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Leonardo Santana Barreto¹

Micaely Santos Dias²

Natália Oliveira Barbosa³

Resumo

Entre o axé e a palavra possuem inúmeros significados quando nos colocamos a analisar que palavra é essa. Qual tem sido a palavra proferida nas instituições de ensino em relação a religiosidade que chega nesses espaços? Neste trabalho, as vivências dão voz à teoria, exemplificam o cientificismo e trazem à tona a realidade das juventudes que chegam cada vez mais dispostas às suas autoafirmações identitárias. As atividades de estágio onde pudemos, com autonomia, aplicar ações temáticas possibilitaram a realização de cine debates e oficinas em torno do tema *racismo religioso*. É através dessas experiências e adensados em autores como Caputo (2008), Gomes (2013), Nascimento (2016) e Hall (2017) que vamos propor o início de uma discussão acerca do candomblé que chega às escolas através dos corpos dos seus alunos e como o processo de ensino e aprendizagem e a permanência se torna cada vez mais difícil através de ações institucionais, repreensões diretas de professores para alunos e o racismo religioso entre pares, em momentos específicos de recreação.

Palavras-chave: Autoafirmação identitária. Instituições de ensino. Candomblé.

Introdução

Para essa discussão partimos de dois pontos importantes de análise, o primeiro, parte de uma análise histórica, e aqui nos referimos ao que tange a estruturação destes pensamentos discriminatórios em relação a religiosidade afro-brasileira, e posteriormente a análise de

¹ Graduando em licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Bolsista do Programa de Educação Tutorial Institucional - PETI Ciências Sociais. Vinculado ao grupo de pesquisa Ojú Obirin- Observatório de Mulheres Negras (CNPq- UESB) com foco de pesquisa em trajetórias de mulheres negras no campo da psicanálise no Brasil. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prisões, Violência e Direitos Humanos - NEPP, vinculado ao grupo de estudos sobre prevenção da violência nos espaços escolares.

² Graduanda em licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Bolsista do Programa de Educação Tutorial Institucional - PETI Ciências Sociais. Vinculada ao grupo de pesquisa Ojú Obirin - Observatório de Mulheres Negras (CNPq-UESB) com foco de pesquisa em transição capilar: o processo de subjetivação das pessoas negras universitárias. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prisões, Violência e Direitos Humanos - NEPP, vinculada ao grupo de estudos sobre prevenção da violência nos espaços escolares.

³ Graduanda em licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Bolsista do Programa de Educação Tutorial Institucional - PETI Ciências Sociais. Vinculada ao grupo de pesquisa Ojú Obirin - Observatório de Mulheres Negras (CNPq-UESB) com foco de pesquisa em agência de mulheres negras e das lideranças femininas quilombolas da Comunidade Remanescente de Quilombo do Bomba - Bahia.

atitudes e, também, do sentido da palavra, em conjunto, para ilustrar o primeiro agora na atualidade.

Sabe-se, historicamente, que a integração das religiões de matriz africanas em território brasileiro se deu através do processo do tráfico e escravização dos negros africanos arrancados do seu continente de origem e trazidos para o sul do continente americano. Neste sentido, Caputo (2008), Cossard (2006) e Nascimento (2016) são enfáticos em sublinhar em seus escritos essa característica que impulsiona o pensamento de perseguição e persistência da cultura africana em nosso país.

À guisa dessa configuração histórica e característica da realidade genocida deste período colonial, Nascimento (2016. p. 123) afirma não ser “exagero afirmar-se que desde o início da colonização, as culturas africanas, chegadas nos navios negreiros, foram mantidas num verdadeiro estado de sítio”. Entretanto, apesar do caráter violento, este mesmo autor assinala uma relevante análise desse enfrentamento cultural, que apesar de continuar existindo, naquela época

as pressões culturais da sociedade dominante, a despeito de seus propósitos e esforços, não conseguiram, entretanto, suprimir a expressa herança espiritual do escravo na medida em que ocorreu nos Estados Unidos, onde apenas sobreviveram alguns elementos culturais. (Nascimento, 2016. p. 123)

Quando afirmamos que o enfrentamento cultural continua existindo, estamos dizendo também, de novas estratégias do genocídio que permeiam as relações sociais. Da mesma forma que se atualizam os preconceitos, se atualizam, também, os mecanismos de tentativa do seu apagamento, não obstante, ele deixa de ser uma tentativa exclusiva do extermínio via violência direta ao corpo, e passa a ser uma tentativa de afetação deste corpo através do extermínio de tudo que favoreça sua autoafirmação identitária.

Em *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*, Stuart Hall (2017) afirma que:

Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as artes, as idéias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a idéia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados -uma cultura - não foi uma idéia tão comum como poderíamos supor. (Hall, 2017. p. 16)

É neste sentido que justificamos a análise da palavra – essa mesma que compõe o título deste trabalho – para especificar sua utilização enquanto ação diante dos corpos que carregam em si os traços multiculturalistas e a religiosidade afro-brasileira. Não obstante, e ainda

voltados à significação do título escolhido, encontramos amparo na escrita de Cossard (2006) que versa sobre a categoria *axé*, segundo ela

O *axé* é uma força espiritual, oriunda de Olodumarê, que se espalha no mundo que Ele criou. Assim, cada pedra, cada folha, cada bicho, cada ser humano, cada gota d'água participa do *axé* divino, que vai se transmitindo de uns para os outros. (Cossard, 2006. p. 36)

Da mesma forma que acontece com a análise de trajetórias que se dá a partir da observação das ações particulares do indivíduo e também das características sociais que lhe atravessam e, portanto, lhe constroem, se dá a análise do conceito de atitude “como disposição para ação” (Gomes, 2013. p. 83). Tal comparação encontra congruência entre os escritos bourdieusianos de 1986⁴ sobre trajetória e Gomes (2013) sobre atitudes quando afirma que os

sociólogos devem recorrer às atitudes sociais para reconhecer uma **situação social** e o modo como o **indivíduo** reage à mesma e com isso se reflete à **experiência**, noção que acaba assumindo um papel central no desenvolvimento na sociologia da Escola de Chicago. (Gomes, 2013. p. 83)

Através dessas teorias, entendemos em relação ao nosso tema que os acontecimentos institucionais, tanto quanto os comportamentos repressivos em momentos específicos da recreação em ambientes escolares, marcam o indivíduo e refletem fortemente na sua experiência que neste caso assemelha-se a trajetória religiosa haja vista que ele passa a ter atitudes que acabam se destacando como marcador do antes e depois dessas experiências.

Entre o axé e a palavra: o multiculturalismo, a resistência institucional e a realidade da juventude candomblecista nas instituições de ensino é a comunhão entre experiência de formação docente e a experiência individual observada, verbalizada pelos discentes de escolas públicas que assistimos em nossas ações. Significa, sobretudo, a realidade de uma parcela das juventudes que estão nas escolas públicas e veem seus corpos sitiados – da mesma forma que outrora foram seus ancestrais – pelas vicissitudes atuais adensadas pelo engessamento das instituições de ensino que continuam pouco dispostas a realizar modificações – estruturais/ideológicas – para a inclusão das novas perspectivas que adentram aos seus espaços.

Desenvolvimento

⁴ Fazemos referência ao texto A ilusão biográfica de Pierre Bourdieu. Bourdieu, Pierre. L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales (62/63):69-72, jun 1896.

A grade curricular do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia possui como obrigatoriedade algumas etapas de estágio que se dividem em 1) metodologia e prática do ensino de Ciências Sociais I; 2) metodologia e prática do ensino de Ciências Sociais II; 3) estágio curricular supervisionado em Ciências Sociais I e 4) estágio curricular supervisionado em Ciências Sociais II, em outras palavras, estágio de observação; observação participante, regência e atividades em espaços não formais de ensino, respectivamente.

As ações que são base para este trabalho consistem em um cine debate e uma oficina, o primeiro realizado numa escola pública e o segundo em um espaço não formal de ensino, porém, ambos versaram sobre o mesmo tema *racismo religioso*.

A atividade docente consiste sobretudo no exercício da escuta, essa característica que exige atenção tanto ao que fala, tanto ao que ouve, numa relação de assimilação simultânea. Tal qual os sociólogos que buscam “interpretações possíveis que os sujeitos dão às suas experiências, classificando-as e explicando-as com a intenção de generalizar aspectos da natureza humana, independentemente do tempo e do espaço”. (Gomes, 2013. p. 84) assim o fizemos.

A primeira percepção que tivemos estava ligada à dicotomia entre o papel da escola e a função que ela vinha exercendo diante do corpo discente, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996), no artigo terceiro dos princípios e fins da educação nacional, no terceiro parágrafo apresenta pluralismo de ideias e no quarto parágrafo, respeito à liberdade, entretanto o discurso discente apresenta uma instituição centralizadora e muitas vezes excludente.

Os discursos dos discentes revelam ações discriminatórias percebidas desde os olhares dos seus pares que revelam indiferença, a folclorização das religiões afro-brasileiras em datas específicas e em gincanas até a falta de assistência alimentar para alunos recém iniciados no candomblé e sob preceitos de restrição alimentar, tais características endossam as falas de Nascimento (2016) quando afirma que

O sistema educacional funciona como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro – primário, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, como se executasse o que previa a frase de Silvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação das salas da Europa e, mais recentemente, dos Estados Unidos. (Nascimento, 2016. p. 113)

Esse comportamento institucional é a tentativa de apagamento de características culturais próprias em detrimento da adoção de idiossincrasias de outros grupos sociais, é um

acolhimento da cultura do colonizador e a exclusão da sua cultura local, ainda que para isso tenha-se que excluir, inibir ou ridicularizar seus iguais, àqueles que aderem, vivem e se identificam com os aspectos culturais locais.

Considerações Finais

A escola é um espaço plural, nela, a sociabilidade nos permite conhecer a diversidade cultural que compõe nossa comunidade. Assim sendo, nos deparamos com diferentes raças, gêneros e, também, religiões. Se existem crianças e adolescentes que frequentam igrejas, centros espíritas, casas de umbanda e candomblé, também é certo pensar que elas estudam e fazem parte da nossa comunidade escolar e junto com elas estão a sua fé e a sua religiosidade.

Isso posto, essas atividades de estágio respondem o nosso primeiro questionamento sobre *qual tem sido a palavra proferida nas instituições de ensino em relação a religiosidade que chega nesses espaços*. Concluimos, portanto, que a palavra proferida vem sempre com o tom de acolhimento e aceitação, escondendo ações de negações e afastamento, neste sentido a palavra, por si só é, também, uma negação aos traços multiculturalistas que adentram os espaços escolares.

A palavra proferida, ou a ausência da palavra quando se faz necessária diante das atitudes discriminatórias afim de pô-las um fim, se configuram em práticas colonizatórias, que induzem aos jovens de candomblé, a se orgulharem de sua religião nos espaços de culto, e a ocultarem nos espaços escolares por medo de represálias institucionais e dos seus pares. Impulsiona artificios de defesa que consistem em justificativas de doença para cabeças raspadas (Caputo, 2008), bem como roupas fechadas, de mangas longas, para esconderem seus fios de conta e contra-eguns.

Neste sentido o que causa o constrangimento não é a religião, nem viver os preceitos que ela impõe, o constrangimento é esconder-se pela ausência do debate social acerca do preconceito, discriminação e racismo religiosos que constituem fortemente o campo de formação, instituição-escola em que as juventudes estão inseridas.

Não é incomum encontrar escolas cujos *slogans* são preenchidos pelas ideias iluministas de igualdade, fraternidade e liberdade, de elementos positivistas de acolhimento, de um ensino que educa para o futuro, mas, para além da palavra, o que dizem as ações institucionais? O processo de deliberação de políticas reais permanecem no mundo das ideias. Essa estagnação, tal qual a neutralidade institucional demonstra as políticas por ela adotadas e como ela pensa em relação à diversidade.

Entre o axé e a palavra significa as interferências das palavras de negação na afetação dos corpos que se constroem também através das suas vivências religiosas, e que como vimos ocupam, muitas vezes o espaço da imposição de uma escolha, que neste caso, está em ocultar, apagar, deixar de pertencer, para poder estar presente em outros espaços de socialização.

Este trabalho se configura em um convite ao aprofundamento de estudos sobre essas questões relacionadas às vicissitudes das juventudes de candomblé nos espaços formais de ensino, as análises realizadas são muito pequenas diante da realidade vivida pelos discentes que se dispõem com entusiasmo às transformações do espaço de ensino, e não obstante, se deparam com os engendramentos institucionais onde vigoram a resistência e o despreparo.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

CAPUTO, Stela Guedes. Ogan, adósu, òjè, ègbónmi e ekedi-O candomblé também está na escola. Mas como. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**, v. 10, 2008.

COSSARD, Gisele Omindarewá et al. **Awó: o mistério dos orixás**. Pallas Editora, 2006.

GOMES, Janaina Damaceno. **Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 24 jul. 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. – 3.ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016.